

GERAÇÃO DIGITAL: OPORTUNIDADES E RISCOS DO PÚBLICO. A TRANSFORMAÇÃO DOS USOS DA COMUNICAÇÃO

Cyberbullying: uma análise comparativa com estudantes de países da América Latina: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela

Jorge del Río Pérez, Xavier Bringue Sala, Charo Sádaba Chalezquer, Diana González González (tradução: Lilian Escorel)

Departamento de Comunicação Audiovisual e Publicidade e Literatura

Fórum Gerações Interativas, Universidade de Navarra

V Congresso Internacional sobre Comunicação e Realidade

This study explores the issue of cyberbullying from a cross-cultural perspective. The focus is on the examination of the extent of Argentina, Brazil, Chile, Colombia, México, Peru, Venezuela tweens and adolescents' experiences of cyberbullying. A survey study of 21.000 students from 10 to 18 years. In this paper, "cyberbullying" refers to bullying via electronic communication tools: mobile phone/video/picture/text message, Internet/gaming/instant messaging.

Vivemos nos últimos anos um rápido desenvolvimento das novas tecnologias e o nascimento de uma geração interativa formada por um público infantil e juvenil que "compartilha um grau significativo de posse e uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), superando não só as diferenças entre os países ou as fronteiras, mas também as próprias diferenças culturais e socioeconômicas" (Bringué y Sádaba, 2008: 29).

O acesso a estes dispositivos eletrônicos – Internet, celulares, computadores etc.– gerou grandes oportunidades para o ensino, e assim muitas escolas adotaram as novas tecnologias com bastante entusiasmo e

otimismo para melhorar as experiências de aprendizagem entre os alunos (Beran y Li, 2004; Li, 2006).

No entanto, a popularidade da Internet e de outras tecnologias, sobretudo as de comunicação, dentro das salas de aula, fez surgir uma nova forma de agressão e ameaça entre os alunos: o *cyberbullying* (Mason, 2008). O uso dos aparatos eletrônicos para ameaçar outros estudantes torna-se a cada dia que passa um problema mais sério nas escolas e há um número significativo de jovens que já sofreram este novo tipo de violência (Li, 2006).

Nas linhas abaixo, estudaremos o fenômeno do *cyberbullying* a partir de uma perspectiva internacional em uma amostra de 20.941 pré-adolescentes e adolescentes dos seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela.

O objetivo principal do presente estudo é explorar a expansão da violência digital, que, como descreve Li, (2007) é “uma nova garrafa com um vinho velho”. Uma garrafa nova que já despertou a atenção dos pesquisadores, os quais, através de diversos estudos de campo, examinaram a natureza desta ameaça (Smith [et al.], 2008; Slonje y Smith, 2007; Li, 2006).

Bullying y cyberbullying

Para compreender a realidade destas novas formas de violência digital e sua rápida difusão na vida dos estudantes, convém entender primeiro o que é o *bullying* – assédio tradicional –, suas características e consequências (Mason, 2008: 324).

Definição e consequências do assédio tradicional

A maioria dos autores define o *bullying* como o ato ou o comportamento agressivo e intencionado, realizado por um grupo ou um indivíduo, repetidamente e ao longo do tempo, contra uma vítima que não pode se defender facilmente. Trata-se de uma forma de abuso baseada em um poder desequilibrado, já que a vítima não é capaz de se defender sozinha.

A "fraqueza" do agredido deve-se, entre muitos fatores, ao seu tamanho ou à sua força, seja porque ela é superada pelo número de agressores ou porque não tem a resistência psicológica suficiente (Li, 2008; Manson, 2008; Diamanduros, Downs y Jenkins, 2008).

Olweus (2003, 13) define o assédio tradicional sofrido pelos estudantes nas escolas do seguinte modo:

A student is being bullied or victimized when he or she is exposed, repeatedly and over time, to negative actions on the part of one or more students. The person who intentionally inflicts, or attempts or inflicts, injury or discomfort upon someone else is engaging in negative actions. Bullying also entails an imbalance in strength (or an asymmetric power relationship), meaning that students exposed to the negative actions have difficulty in defending themselves.

As consequências do *bullying* são diversas. De um ponto de vista global, o *bullying* reduz e mina a qualidade oferecida pelas escolas, bem como atinge os resultados acadêmicos e sociais dos alunos (Manson, 2008; Ybarra y Michell, 2004). No entanto, as consequências mais graves recaem sobre as vítimas. O *bullying* afeta a parte física e psicológica daqueles que dele padecem. Vários estudos realizados verificaram que muitas vítimas demonstram baixa autoestima, altos índices de depressão, ansiedade, sentimento de solidão, ideias de suicídio e falta escolar. Os prejuízos psicológicos da violência sofrida na escola ao longo de muitos anos podem permanecer na vida adulta da vítima (Ybarra y Michell, 2004).

Olweus (1993) estabelece duas formas distintas de *bullying*: agressão direta em forma de ataques físicos e verbais; e agressão indireta ou centrada

nas relações sociais através da exclusão deliberada ou do isolamento. Os meninos tendem mais do que as meninas a sofrer agressão física – golpes, socos, pontapés, roubo ou dano aos pertences –, enquanto as meninas sofrem uma agressão provocada em grande parte por rumores falsos e comentários sobre comportamentos sexuais. A maioria das agressões é direta, isto é, cara a cara, e acontece na escola.

O novo assédio digital: definição, diferenças em relação ao *bullying*, tipos e conseqüências

O assédio digital ou *cyberbullying* surge devido ao rápido avanço das novas tecnologias da comunicação, como a Internet, a telefonia móvel, os videogames, o PDA (palmtops) etc. Segundo Willard (2004: 1), o *cyberbullying* pode ser definido, em poucas palavras, como “o envio e a postagem – *sending* e *posting* – de textos ou imagens maldosas ou cruéis na Internet ou outros meios digitais de comunicação”. Manson (2008: 323) acrescenta que a agressão pode ser realizada por um indivíduo ou um grupo de modo deliberado e repetitivo:

Cyberbullying is defined as an individual or a group willfully using information and communication involving electronic technologies to facilitate deliberate and repeated harassment or threat to another individual or group by sending or posting cruel text and/or graphics using technological means.

Conforme esta autora, o *cyberbullying*, no fundo, é um modo dissimulado de agressão verbal e escrita. Os agressores intimidam suas vítimas através de dois meios – o computador e o celular. Através do computador, a vítima recebe mensagens ameaçadoras no e-mail e no Messenger. Envia-lhes imagens obscenas, insultos em chats. O agressor(es) pode, até mesmo, criar blogs ou websites para promover conteúdos difamatórios.

A natureza móvel das novas tecnologias tira o sossego das vítimas, o que faz do *cyberbullying* uma forma de violência invasiva que ameaça os estudantes até fora da escola. Portanto, e como não acontecia no *bullying* tradicional, o lar já não é um lugar de refúgio para a vítima, que continua recebendo SMS ou e-mails (Slonje y Smith, 2007; Li, 2008; Mason, 2008).

Outros traços marcam a diferença entre o assédio tradicional e o digital (Slonje e Smith, 2007: 148; Li, 2006: 159; Li, 2008: 225; Ybarra e Mitchell, 2004):

1. Amplitude do público potencial. Quando alguém posta uma foto ou um vídeo com a intenção de ferir uma pessoa, o público-alvo desse material pode ser muito grande. Na agressão tradicional, os espectadores das agressões eram grupos menores.

2. Invisibilidade ou anonimato. A agressão digital não é necessariamente feita cara a cara perante a vítima. Portanto, o agressor pode se sentir menos culpado e, até mesmo, ignorar ou não tomar consciência das consequências causadas por suas ações. Sem resposta direta a seus atos, pode haver menos oportunidade para o remorso e para a intervenção ou solução do problema.

3. Em qualquer lugar e em qualquer momento: a mobilidade e a conectividade das novas tecnologias da comunicação permitem ultrapassar os limites temporais e físicos que marcavam a agressão na escola. Como se disse, o lar já não é um refúgio, tampouco os fins de semana e as férias.

4. Perene. O conteúdo digital usado na agressão armazena-se nos sistemas eletrônicos e não se perde.

5. Rapidez e comodidade. As novas tecnologias permitem que o *cyberbullying* se dissemine muito mais rapidamente, bem como seja mantido facilmente: cortar e colar mensagens; reenviar SMS a grupos, etc.

6. A força física ou o tamanho não afetam. Como consequência do

anonimato, os agressores digitais não têm que ser mais fortes fisicamente do que suas vítimas.

7. O agressor não marginal. No *bullying*, os agressores costumam ter relações ruins com os professores, ao passo que os agressores digitais podem ter boas relações com eles.

O *cyberbullying*, como se assinalou no início, é um modo dissimulado de agressão verbal e escrita. Willard (2004) identifica sete categorias de violência verbal e escrita através das novas tecnologias:

1. *Flaming*: envio de mensagens vulgares ou que mostram hostilidade em relação a uma pessoa. Essa mensagem pode ser enviada para um grupo *online* ou para a própria pessoa hostilizada, via e-mail ou mensagem de texto (SMS).

2. *Agressão online*: envio repetido de mensagens ofensivas via e-mail ou SMS a uma pessoa.

3. *Cyberstalking*: agressão *online* que inclui ameaças de dano ou intimidação excessiva.

4. Difamação: envio de mensagens para terceiros ou postagem de comentários em ambiente digitais de caráter prejudicial, com informações falsas e afirmações cruéis sobre uma pessoa.

5. Substituição ilegal da pessoa: fazer-se passar pela vítima e enviar ou postar arquivos de texto, vídeo ou imagem que difamem o agredido.

6. *Outing*: enviar ou postar material sobre uma pessoa contendo informação sensível, privada ou constrangedora, incluídas respostas de mensagens privadas ou imagens.

7. Exclusão: cruel expulsão de alguém de um grupo *online*.

A natureza desta violência e as ações levadas a cabo pelos agressores através das novas tecnologias da comunicação lamentavelmente fizeram com

que as vítimas da agressão digital sofressem, como as vítimas do *bullying*, dos mesmos efeitos negativos sobre a saúde mental e física.

Objetivos e hipótese

O objetivo principal do presente estudo é explorar a expansão da violência digital na Internet e nos celulares entre os estudantes da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela. Não há nenhum estudo publicado sobre *cyberbullying* nesses países a partir de uma perspectiva global e com comparação de resultados.

A pesquisa pretende refletir sobre a agressão digital com o uso dos seguintes meios: 1) mensagens de texto (SMS), imagens, vídeo através do celular; 2) Messenger; e (3) jogos na rede. Também se examinarão as diferenças por sexo. A este respeito, há muitos estudos – principalmente do âmbito anglo-saxão – que examinam estes fatores; tentaremos compará-los com os resultados obtidos para encontrar semelhanças e diferenças.

Metodologia

Para realizar a pesquisa, empregou-se como ferramenta fundamental um questionário *online* (www.generacionesinteractivas.org) que constava de 60 perguntas relacionadas ao uso das novas tecnologias. Dele, foram selecionadas questões relevantes (7 perguntas) para obter a informação pertinente.

A coleta de dados realizou-se a partir das salas de informática das próprias escolas de setembro de 2007 a junho de 2008. A cada uma destas escolas designou-se um código de participação, de forma que se controlava o acesso dos pesquisados, ao mesmo tempo em que se protegia a identidade dos participantes, aos quais não foi solicitada em nenhum momento

informação pessoal. Destacam-se, como elemento de controle, a limitação temporal para responder ao questionário e a presença de um professor na sala de aula durante a coleta dos dados.

Para atingir o objetivo da representatividade, realizou-se uma amostra de múltiplas etapas, combinando amostra estratificada e por agrupamento. Em primeiro lugar, escolheram-se ao acaso as regiões de cada país, agrupadas segundo a população escolarizada, tanto privada como pública, em zonas urbanas e rurais. Em segundo lugar, selecionaram-se ao acaso os colégios (unidade-conglomerado) em cada região, definida anteriormente por tipo de colégio e localização urbana e rural, mantendo um número de colégios proporcional ao número de meninos e meninas escolarizados em cada um dos estratos descritos.

Em cada país o objetivo foi apresentar uma amostra com milhares de meninos e meninas (a cifra final, dependeu da heterogeneidade de cada país), mas que fosse suficientemente ampla para realizar análises complexas de variantes múltiplas, isto é, com um número alto de variáveis passíveis de prognóstico e de confusão, e para alcançar a potência estatística suficiente para avaliar também modificações do efeito.

A amostra total foi de 20.941 alunos escolarizados, em instituições públicas ou privadas, em populações urbanas. Na tabela 1, pode-se observar com maior precisão a distribuição por países.

Tabela 1. Distribuição total da amostra por países e idades

Idade	Sexo	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	México	Peru	Venezuela	Total
De 10 a 18 anos	Masc.	654	1565	704	1440	3557	1096	417	9433
	Fem	1316	1850	1142	1852	3912	1015	421	11508
Total		1970	3415	1846	3292	7469	2111	838	20941

Resultados

Cyberbullying com mensagens de texto (SMS), imagens, vídeo através do celular

13,3% reconheceram o uso do celular para ofender alguém (tabela 2). Tipo de violência digital consignada por Willard (2004). Entre os países com maior porcentagem de agressão destacam-se a Venezuela e o México. Por outro lado (tabela 3) a porcentagem de alunos que se sentiram prejudicados foi de 6,4 %.

Tabela 2. Usei o celular para ofender alguém

Idade	Sexo	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	México	Peru	Venezuela	Total
De 10 a 18 anos	Masc.	123	180	134	206	609	169	96	1517
	Fem.	166	171	137	167	495	83	51	1270
Total		289	351	271	373	1104	252	147	2787
% Total amostra		14,6	8,4	13,3	11,3	14,7	11,9	17,5	13,3

Tabela 3. Fui prejudicado através do celular

Idade	Sexo	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	México	Peru	Venezuela	Total
De 10 a 18 anos	Masc.	53	85	61	92	295	75	29	690
	Fem.	85	62	78	102	245	60	30	662
Total		138	147	139	194	540	135	59	1352
% Total amostra		7,0	4,3	7,5	5,8	7,2	6,3	7,0	6,4

Cyberbullying no Messenger

Como se viu, uma das diferenças entre a agressão clássica e o *cyberbullying* é que este se estende a outros espaços fora das salas de aula. A tabela 4 confirma que a possibilidade de experimentar assédio digital é alta fora do colégio. Os alunos se conectam na Internet principalmente em casa e em *cybercafés*.

Tabela 4. Lugar a partir do qual se conectam na Internet

Sexo	Na Internet	Lar	Escola	Cibercafé	Casa amigo	Casa familiar	Outros
Masc.	0	4260	2340	4231	2099	2048	1260
Fem.	0	5261	3396	5071	3015	3080	1459
Total	0	9521	5736	9302	5114	5128	2719

Além disso, o uso que os jovens fazem da Internet (tabela 5) – Messenger, 58,1%, e e-mail, 58,7% – facilita *a priori* o *cyberbullying*, já que se caracteriza por uma agressão verbal e escrita.

Tabela 5. Serviços utilizados na Internet

Idade	Sexo	Web	Chat	MSN	E-mail	Jogos	Foros	Compra	Downs	Comun. Virtuais	SMS	Post	TV
0 a 18	Masc.	5390	722	5897	5032	775	39	707	5385	1247	875	3910	963
	Fem.	6787	2021	7991	7277	3786	1154	490	6257	1320	2848	4741	647
Total		12177	3743	13888	12309	8561	2093	1197	11642	2567	4721	8651	1610
% Total		58,1	17,8	66,3	58,7	40,8	9,9	5,7	55,5	12,2	22,5	41,3	7,6

4,4% reconheceram ter usado o Messenger para prejudicar alguém (tabela 6). De todos os países, o Chile sobressai com 7,2%. A porcentagem de alunos que se sentiram prejudicados foi de 5,6 % e o país com maior porcentagem de vítimas foi o Brasil, com 8,2%.

Tabela 6. Usei o Messenger para prejudicar alguém

Idade	Sexo	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	México	Peru	Venezuela	Total
De 10 a 18 anos	Masc.	68	117	68	69	190	59	26	5597
	Fem.	44	46	65	38	99	30	7	3329
Total		112	163	133	107	289	89	33	926
% Total amostra		5,6	4,7	7,2	3,2	3,8	4,2	3,9	4,4

Tabela 7. Alguém me prejudicou através do Messenger

Idade	Sexo	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	México	Peru	Venezuela	Total
De 10 a 18 anos	Masc.	56	156	59	58	177	73	25	604
	Fem.	80	126	82	69	151	62	16	586
Total		136	282	141	127	328	135	41	1190
% Total amostra		6,9	8,2	3,8	3,8	4,3	6,3	4,8	5,6

Cyberbullying nos jogos online

40,8% dos usuários da Internet jogam na rede. Uma prática que está aumentando progressivamente com os novos videogames e a possibilidade de jogar na Internet. As novas práticas digitais desencadeiam distintas

agressões. 4,1% se sentiram enganados enquanto jogavam (tabela 8). Não há grandes diferenças entre os países pesquisados.

Tabela 8. Já fui enganado uma vez enquanto jogava na rede

Idade	Sexo	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	México	Peru	Venezuela	Total
De 10 a 18 anos	Masc.	50	111	52	67	169	56	17	522
	Fem.	40	42	14	62	154	25	12	349
Total		90	153	66	129	323	81	29	71
% Total amostra		4,5	4,4	3,5	3,9	4,3	3,8	3,4	4,1

Conclusões

1. Um total de 2.542 estudantes dos sete países investigados reconheceu ter sido prejudicado através do celular e do Messenger. No total, 12,1% experimentaram alguma forma de *cyberbullying*. Dado similar ao apresentado pelos alunos norte-americanos (Lenhart, 2007) e suecos (Slonje y Smith, 2008).

2. Como no estudo realizado por Smith [et al.] (2008), o celular mostrou ser a ferramenta mais utilizada para a agressão: 13,3% reconheceram ter prejudicado alguém com o celular.

3. Entre os sexos, nota-se que dos 9.433 meninos da amostra, 22,4% usaram o celular ou o Messenger para prejudicar alguém, ao passo que só 13,4% das 11.508 meninas reconheceram ter agredido alguém. O dado permite supor que o agressor digital é um papel mais desempenhado pelo sexo masculino. Por outro lado, 19,25% dos meninos pesquisados foram vítimas de *cyberbullying*. A porcentagem das meninas afetadas pela violência digital foi de 13,8%.

4. Os estudos sobre este novo fenômeno de violência entre os jovens devem ser aprofundados através de linhas de pesquisa que nos levem a entender e compreender: 1) o papel que desempenham as novas tecnologias nas vidas dos alunos e as diversas formas de violência digital; 2) o dano físico e psíquico do *cyberbullying*; 3) o perigo de sua natureza anônima, rápida difusão e alcance. Entender e conhecer permitirá resolver com acerto este tipo de violência, bem como perder o medo do uso das novas telas de comunicação (Diamanduros, Downs e Jenkins, 2008).

Bibliografia

BERAN, T.; LI, Q. "Cyber-harassment: A new method for an old behavior". *Journal of Educational Computing Research*. Vol. 3 (2005), n. 3, p. 265-277.

BRINGUÉ, X.; SÁDABA, C. (coord.). *La Generación interactiva en Iberoamérica. Niños y adolescentes ante las pantallas*. Barcelona: Ariel, 2008.

DIAMANDUROS, T.; DOWNS, E.; JENKINS, S.J. "The role of school psychologists in the assessment, prevention, and intervention of cyberbullying". *Psychology in the Schools*. Vol. 45 (2008), n. 8, p. 693-704.

LENHAR, M. "Cyberbullying and Online Teens". *Pew Internet & American Life Project*. June, 2007.

LI, Q. "A cross-cultural comparison of adolescents' experience related to cyberbullying". *Educational Research*. Vol. 50 (2008), n. 3, p. 223-234.

—. "Cyberbullying in schools: A research of gender differences". *School Psychology International*. Vol. 27 (2006), n. 2, p. 157-170.

—. "New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools". *Computers in Human Behavior*. Vol. 23 (2007), p. 1777-1791.

MASON, K.L. "Cyberbullying: A preliminary assessment for school personnel". *Psychology in the School*. Vol. 45 (2008), n. 4, p. 323-348.

OLWEUS, D. "A profile of bullying at school". *Educational Leadership*. Vol. 60 (2003), n. 6, p. 12-19.

OLWEUS, D. *Bullying at school: What we know and what we can do*. Williston, VT:

Blackwell, 1993.

SLONJE, R.; SMITH, P.K. "Cyberbullying: Another main type of bullying?". *Scandinavian Journal of Psychology*. Vol. 49 (2008), p. 147-154.

SMITH, P.K. [et al.]. "Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils". *Journal of Child Psychology and Psychiatry*. Vol. 47 (2008), n. 4, p. 376-385.

WILLARD, N. *An Educator's Guide to Cyberbullying and Cyberthreats*. (2004)
[Online]. <<http://cyberbully.org/docs/cbcteducator.pdf>> [Consulta: 5 de dezembro de 2008].

YBARRA, M.; MITCHELL, K. "Youth engaging in online harassment: Associations with caregiver-child relationships, Internet use, and personal characteristics". *Journal of Adolescence*. Vol. 2 (2004), n. 3, p. 319-336.